



# Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços  
N.º 39 – 2011

## QUARESMA Tempo de conversão

Alguém disse que o Carmelo é como uma “fábrica de fazer santos” e alguns deles são santificados muito rapidamente. Realmente esta Ordem é uma família de santos e muitos desses santos, beatos ou em vias disso, são convertidos. Recordo uma Edith Stein, Rafael Kalinoski, Herman Cohen... Mas também Santa Teresa fala da sua conversão e o mesmo faz a Beata Isabel da Trindade e Santa Teresa do Menino Jesus. Quero fixar-me em Teresa de Jesus que é aquela que mais nos ajuda a viver a conversão a que este tempo da Quaresma nos convida. É este um tempo de grandes opções a partir do exame de consciência acerca da nossa opção fundamental. Nós temos sempre diante de nós a vida e a morte e aquilo que escolhermos é isso mesmo que nos será dado (cf. Sir 15). O mesmo Bem Sirá nos diz que “o princípio de qualquer obra é a razão, e a reflexão precede qualquer acção”. Mas é o “coração que está na base das mudanças de opinião”. E do coração “brotam quatro ramos diferentes: o bem e o mal, a vida e a morte” (*ib.* 37, 16ss).

O problema é de coração e, portanto, a conversão vai na linha do coração. Nós fizemos a opção pelo bem, pela vida, por Jesus, mas depois o coração atraiçoa a opção feita e desta maneira navegamos entre o bem e o mal, a vida e a morte. Este foi o problema de Santa Teresa de Jesus.

Ela dirige-se àqueles e àquelas que vivem nos mosteiros – mas as suas palavras podem-se aplicar a todos – e fala de dois caminhos: caminho “de virtude e

religião” e caminho “de falta de espírito de religião”. E continua dizendo que “por nossos pecados caminha-se mais no imperfeito”. Este segundo caminho tem “mais seguidores, é mais favorecido”. Teresa tem experiência daquilo que escreve, porque também ela navegou entre os dois durante vinte anos. Deixou-se levar por “amizades e afeições que o demónio ordena nestes mosteiros”.

Portanto, problema de coração. “Foram muitos anos em que tomei esta recreação pestilencial”. Durante todos estes anos, andava “cega”, como ela diz, vivendo uma “vida desbaratada” e, devido a este estado de espírito, abandonou a oração durante ano e meio.

Mas apesar dela ter abandonado a Deus muitas vezes, Ele nunca a abandonou. Depois da sua conversão, olha para trás e vê como o Senhor a perseguia e lhe enviava tantos sinais. Um dia estando no locutório com uma visita não conveniente: “Representou-se-me Cristo diante de mim com muito rigor dando-me a entender o

que aquilo Lhe pesava”. Embora isto a tivesse impressionado não produziu o devido efeito, pois pensava que não era possível vê-lo “sem ser com os olhos do corpo”.

Estando outra vez com a mesma pessoa viu ir até ela e outras pessoas também o viram “uma coisa à maneira dum sapo grande, com mais ligeireza do que estes costumam andar”. Este facto também a impressionou e não foi capaz de o esquecer, mas Teresa continuava com os seus devaneios.

Havia na comunidade uma freira, que até era parente sua, grande serva de Deus, que a avisava algumas



vezes sobre as pessoas com quem tratava. Teresa não a acreditava e até se desgostava com ela, vendo “que se escandalizava sem ter de quê”.

Aconteceu a doença e a morte de seu pai. Por esta razão, Teresa teve que deixar o convento para tratar dele. Na convivência com o pai, ela viu-se obrigada a dizer-lhe como tinha abandonado a oração, mas sem lhe comunicar a verdadeira razão. Como Teresa procurava a verdade “tornou-se-me duro vê-lo tão enganado pensando que eu tratava com Deus como costumava”.

A morte do pai impressionou-a profundamente e principalmente os encontros havidos com o confessor de seu pai. “Este Padre Dominicano que era muito bom e temeroso de Deus, foi-me de grande proveito. Confessei-me com ele e tomou a peito o fazer bem à minha alma e dar-me a compreender a perdição que trazia. Fazia-me comungar de quinze em quinze dias e, pouco a pouco, começando a tratar com ele, falei da minha oração. Disse-me que não a deixasse; de qualquer modo, não me podia causar senão proveito”.

Teresa voltou à oração e nunca mais a deixou, embora não se afastasse das ocasiões o que constituiu para ela motivo de grande sofrimento. Por isso, como escreve: “Passava uma vida trabalhosíssima, porque na oração entendia melhor minhas faltas. Por uma parte, me chamava Deus; por outra, eu seguia o mundo. Davam-me grande contento todas as coisas de Deus; traziam-me atada as do mundo. Parece que queria juntar estes dois contrários, tão inimigos um do outro, como são vida espiritual e contentos e gostos e passatempos sensíveis. Na oração passava grande trabalho, porque o espírito não era senhor, mas escravo; e assim não me podia encerrar dentro de mim... sem encerrar comigo mil vaidades” (V 7, 17).

Mais de dezoito anos passou Teresa “nesta batalha e contenda de tratar com Deus e com o mundo”. Até ela própria se admira “como tive força bastante para o sofrer sem que deixasse uma ou outra coisa”. E como é que Deus se portava com ela nestes tempos? Teresa dirige-se a Ele e desabafa: “Oh! Senhor da minha alma! Como poderei encarecer as mercês que nestes anos me fizestes? E como, no tempo em que eu mais Vos ofendia, em breve me dispúnheis com grandíssimo arrependimento para que gostasse Vossos regalos e mercês! Na verdade, escolhéis, Rei meu, o mais delicado e penoso castigo que para mim podia haver, como quem bem sabia o que me havia de ser mais penoso; com grandes regalos castigáveis meus delitos... Era tão mais penoso para meu modo de ser receber

mercês quando tinha caído em graves culpas, que receber castigos; uma só dessas mercês... me desfazia e confundia mais e fatigava de que muitas enfermidades com outros grandes trabalhos juntos”(ib. 18s).

Teresa conta tudo isto “para que se veja a misericórdia de Deus e a minha ingratidão; e também para que se entenda o grande bem que Deus faz a uma alma dispendo-a para ter oração com vontade. E ainda que não esteja tão disposta como é mister, se nela persevera, por mais pecados e tentações e quedas que de mil maneiras o demônio lhe arme, tenho por certo que, por fim, o Senhor a levará a porto de salvação como, ao que agora parece, me levou a mim” (V 8, 4).

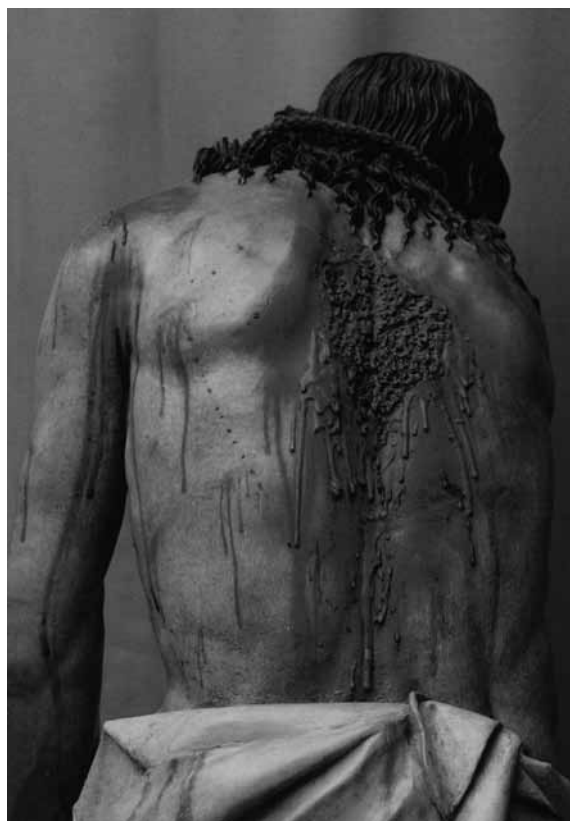
Nesta fase da sua vida a oração para Teresa era um verdadeiro martírio: “muitas, muitas vezes, durante alguns anos, tinha mais conta em desejar que se acabasse a hora que eu tinha para mim determinado de ali estar e em escutar quando batia o relógio, do que em outras coisas boas. Bastas vezes não sei que penitência grave se me poderia oferecer que eu não a fizesse de melhor vontade que recolher-me a ter oração” (ib., 7).

Era incorporável a força que o demônio lhe fazia para que abandonasse a oração que a tristeza se apoderava dela quando entrava no oratório. Mas Teresa apelava ao seu ânimo que como “dizem não é pequeno. E tem-se visto mo ter dado Deus muito mais que de mulher”. Ela lutou muito, “buscava remédio, fazia diligências” e nada conseguia, até que encontrou a solução do problema: ela veio a “compreender que tudo aproveita pouco se, perdida totalmente a confiança em nós mesmos, não a pomos em Deus”.

Foi diante de uma imagem de Jesus Cristo “muito chagado e tão devota que, ao pôr nela os olhos, toda eu me perturbei por

O ver assim, porque representava bem o que passou por nós. Foi tanto o que senti por tão mal Lhe ter agradecido aquelas chagas, que o coração, me parece, se me partia e arrojé-me junto d’Ele com grandíssimo derramamento de lágrimas, suplicando-Lhe me fortalecesse de uma vez para sempre para não O ofender” (V 9, 1). O encontro com esta imagem foi de grande proveito “porque estava já muito desconfiada de mim e punha toda a minha confiança em Deus”.

Teresa neste momento diz a Jesus que não se levantaria enquanto Ele não lhe “fizesse o que Lhe suplicava”. Não sabemos exactamente o teor deste pedido. O que sabemos é que, como ela diz: “me aproveitou, porque fui melhorando muito desde então” (ib., 3).



A partir daqui, Teresa começa a ler as “confissões” de Santo Agostinho e a encomendar-se muito a este Santo. Foi iniciado um processo que culminou naquela graça que ela descreve no capítulo 24 da *Vida*. Teresa ainda não se encontrava totalmente livre: havia ainda algumas amizades e afeições que ela pensava ser ingratidão deixá-las. E dizia ao P. Prádanos, com quem se confessava na altura: “pois não ofendia a Deus, porque havia eu de ser desagradecida”.

Este não era o pensar do confessor, contudo, disselhe que durante alguns dias rezasse “o hino *Veni Creator* para que me inspirasse naquilo que era o melhor”. A resposta do Senhor chegou. Estando ela em oração e recitando o hino “veio-me um arroubamento tão súbito que quase me tirou de mim, coisa de que eu não pude duvidar, porque foi muito claro. Foi a primeira vez que o Senhor me fez esta

mercê de arroubamentos. Compreendi estas palavras: *já não quero que tenhas conversações com homens, senão com anjos*” (n. 7).

Foi neste momento que Teresa se encontra totalmente convertida: “Desde aquele dia fiquei tão animosa para deixar tudo por Deus, como se Ele, naquele momento – não me parece ter sido mais – quisesse deixar outra a Sua serva”. E a partir deste acontecimento, Teresa não pode deixar de louvar e dar graças ao Senhor: “Seja Deus bendito para sempre que, num momento, me deu a liberdade que eu, com todas as diligências quantas tinha feito em muitos anos, não tinha podido alcançar por mim, ainda que fazendo muitas vezes tão grande esforço, que me prejudicava à saúde” (n. 10).

*P. Jeremias Carlos Vechina*

---

## Carta do P. General

Queridos Padres e irmãos e, de um modo especial, queridos irmãos e irmãs da Ordem Secular

A Ordem entrou no tempo da celebração dos capítulos provinciais. Algumas Províncias já celebraram o seu capítulo. Outras celebrá-lo-ão nos próximos meses. Ao iniciar este Novo Ano queria aproveitar esta oportunidade para reflectir sobre o papel e a importância da Ordem Secular no mundo em que vivemos.

No mês de Dezembro de 2006, o P. Luís Aróstegui enviou aos Provinciais um documento sobre a assistência pastoral aos irmãos da Ordem Secular. Na introdução a este documento escrevia o seguinte:

*A Ordem Secular das Ordens Mendicantes não é só um laicado associado. Através da sua união com os religiosos das diversas Ordens, a Ordem Secular comunica a própria espiritualidade ao mundo em que vive.*

Por outras palavras: o motivo porque se deu licença às Ordens Mendicantes para ter membros seculares não era outro senão o de transmitir a espiritualidade destas ordens nas suas próprias casas e na vida quotidiana das pessoas que se identificassem com ditas Ordens.

De facto, a diferença maior que existe entre a Ordem Secular e os movimentos ou grupos associados que poderiam ser identificados com um convento, mosteiro, paróquia, ou com um irmão em particular, é que estes últimos estão dedicados à espiritualidade de Santa Teresa, S. João da Cruz, Santa Teresinha, etc., enquanto que os membros do Carmelo Secular assumiram um compromisso com a Ordem, com a sua vida, com a sua missão e com a sua espiritualidade. Estes manifestam este compromisso através da promessa que fizeram.

Na Exortação Apostólica, *Vida Consagrada*, n. 54, o Papa João Paulo II escreve: “*Hoje alguns Institutos, frequentemente por imposição das novas situações, chegaram à convicção de que o seu carisma pode ser*



*partilhado com os leigos. E assim estes são convidados a participar mais intensamente na espiritualidade e missão do próprio Instituto. Pode-se dizer que, no rasto de experiências históricas como a das diversas Ordens seculares ou Ordens Terceiras, se iniciou um novo capítulo, rico de esperanças, na história das relações entre as pessoas consagradas e o laicado”.*

Hoje, muitas congregações religiosas estão procurando meios para convidar os leigos a identificarem-se com a vida e a missão de tais congregações. O Santo Padre apoia-se precisamente na experiência que as Ordens Mendicantes tiveram durante séculos, ou seja, toma as Ordens Seculares como modelo e exemplo a imitar.

A relação que existe entre os religiosos e os leigos carmelitas é uma graça e uma responsabilidade para

as duas partes. A graça encontra-se no enriquecimento recíproco da vocação que cada um vive. A relação dos religiosos com os seculares fortalece os religiosos no seu desejo de viver seriamente o seu compromisso como religiosos consagrados. A relação dos seculares com os religiosos ajuda-os a viver o seu chamamento a uma vida espiritual séria no meio de um ambiente que não sempre é propício para a religião.

A responsabilidade dos irmãos para com os seculares é exercida em dois sentidos, governo e formação. Estes dois sentidos têm que ir juntos, de não ser assim, nem um nem a outra poderão produzir bons resultados. Quando o governo e a formação vão juntos é uma experiência de guia, não de controlo. Uma guia que ilumina a mente e faz com que as dificuldades da vida cristã sejam mais suaves. Efectivamente, a ênfase maior na renovação da Ordem Secular realizada depois do Vaticano II centrou-se na responsabilidade de uma formação adequada de membros maduros da Igreja e da Ordem. Esta importância da formação inspira-se tanto na *Apostolicam Actuositatem* do Vaticano II como em *Christifideles Laici* do Papa João Paulo II. Em muitas partes da Ordem esta renovação da área da formação está a funcionar bem. Noutras partes estão ainda em fase de programação. Contudo, em todas as partes da Ordem, é algo necessário.

A responsabilidade dos seculares no que diz respeito aos religiosos é exercida através da disponibilidade dos seculares na planificação da missão das províncias. O n. 54 da *Vida Consagrada*, citado antes, declara que “*estes [os leigos] são convidados a participar mais intensamente na espiritualidade e missão do próprio Instituto*”. Isto aplica-se a nós como Ordem. É necessário reconhecer o

papel dos nossos leigos comprometidos com a Ordem no desenvolvimento das nossas presenças, não só devido às mudanças demográficas que acontecem em determinados lugares, mas também porque a mesma natureza da participação dos leigos se desenvolveu num ambiente novo. A presença de seculares competentes e bem formados pode ser de grande ajuda à hora de planificar novas estruturas da nossa presença.

Em muitas Províncias já se converteu num costume o facto de enviar membros do Carmelo Secular, normalmente representado pelo Conselho Provincial do Carmelo Secular, aos capítulos provinciais, dedicando um tempo ao diálogo sobre a relação que existe entre religiosos e carmelitas seculares. Este diálogo, muito recomendado, é sempre importante na planificação dos futuros projectos das nossas Províncias e também à hora de afrontar necessidades e desejos dos seculares, sempre dentro de uma procura em que queremos ter uma presença significativa e levar a mensagem do Carmelo Teresiano ao mundo que nos rodeia.

A relação espiritual que existe entre os religiosos, as irmãs de clausura e os seculares da Ordem é uma fonte de grande riqueza para cada um de nós como indivíduos e como Ordem. É também uma fonte de graça e de dinamismo para a Igreja que servimos e para o mundo que necessita entrar no conhecimento da presença de Deus.

Termino pedindo aos Provinciais que comuniquem esta carta aos membros da Ordem Secular nas suas Províncias.

Fraternalmente em Cristo, nosso Salvador,

Saverio Cannistrà, OCD  
Prepósito Geral

---

## Bento XVI e Santa Teresa de Jesus

### A perfeição cristã segundo Santa Teresa de Ávila

*Apresentamos, a seguir, a catequese dirigida pelo Papa aos grupos de peregrinos do mundo inteiro, reunidos na Sala Paulo VI para a audiência geral do dia 2 de Fevereiro de 2011.*

Queridos irmãos e irmãs:

Ao longo das catequese que eu quis dedicar aos Padres da Igreja e a grandes figuras de teólogos e mulheres da Idade Média, pude falar sobre alguns santos e santas que foram proclamados Doutores da Igreja por sua eminente doutrina. Hoje, gostaria de começar com uma breve série de encontros para completar a apresentação dos Doutores da Igreja.

E iniciamos com uma santa que representa um dos cumes da espiritualidade cristã de todos os tempos: Santa Teresa de Jesus. Ela nasceu em Ávila, Espanha, em 1515,

com o nome de Teresa de Ahumada. Na sua autobiografia, menciona alguns detalhes da sua infância: o nascimento “de pais virtuosos e tementes a Deus”, numa grande família, com nove irmãos e três irmãs. Ainda jovem, com pelo menos de 9 anos, leu a vida dos mártires, que inspiram nela o desejo de martírio, tanto que chegou a improvisar uma breve fuga de casa para morrer como mártir e ir para o céu (cf. *Vida* 1, 4): “Eu quero ver Deus”, disse a pequena aos seus pais. Alguns anos mais tarde, Teresa falou das leituras de infância e afirmou ter descoberto a verdade, que se resume em dois princípios fundamentais: por um lado, que “tudo o que pertence a este mundo passa”; por outro, que só Deus é para “sempre, sempre, sempre”, tema que recupera no seu famoso poema: “Nada te perturbe, nada te espante; tudo passa, só Deus não muda. A paciência tudo alcança. Quem a Deus tem, nada lhe falta. Só Deus basta!”.



Ficando órfã aos 12 anos, pediu à Virgem Santíssima que fosse sua mãe (cf. *Vida* 1,7).

Se, na adolescência, a leitura de livros profanos a levou às distrações da vida mundana, a experiência como aluna das freiras agostinianas de Santa Maria das Graças, de Ávila, e a leitura de livros espirituais, em sua maioria clássicos da espiritualidade franciscana, ensinaram-lhe o recolhimento e a oração. Aos 20 anos de idade, entrou para o convento carmelita da Encarnação, sempre em Ávila. Três anos depois, ficou gravemente doente, tanto que permaneceu quatro dias em coma, aparentemente morta (cf. *Vida* 5, 9). Também na luta contra as próprias doenças, a santa vê o combate contra as fraquezas e resistências ao chamamento de Deus. Escreve: “Desejava viver – pois bem entendia que não vivia, antes pelejava com uma sombra de morte – e não havia quem me desse vida nem a podia eu tomar. E Quem ma podia dar tinha razão de não me socorrer, pois tantas vezes me havia chamado a Si e eu O havia deixado” (*Vida* 8, 2). Em 1543, perdeu a proximidade da sua família: o pai morre. Todos os seus irmãos, um após o outro, migram para a América. Na Quaresma de 1554, aos 39 anos, Teresa chega ao topo de sua luta contra suas próprias fraquezas. A descoberta fortuita de “um Cristo muito ferido” marcou profundamente a sua vida (cf. *Vida* 9). A santa, que naquele momento sente profunda consonância com o Santo Agostinho das “Confissões”, descreve assim a jornada decisiva da sua experiência mística: “Aconteceu que...de repente, experimentei um sentimento da presença de Deus, que não podia duvidar de que estivesse dentro de mim ou de que eu estivesse toda absorvida n’Ele” (*Vida* 10, 1). Paralelamente ao amadurecimento da sua própria interioridade, a santa começa a desenvolver, de forma concreta, o ideal

de reforma da Ordem Carmelita: em 1562, funda, em Ávila, com o apoio do bispo da cidade, Dom Álvaro de Mendoza, o primeiro Carmelo reformado, e logo depois recebe também a aprovação do superior geral da Ordem, Giovanni Battista Rossi. Nos anos seguintes, continuou a fundação de novos Carmelos, um total de dezassete. Foi fundamental o seu encontro com São João da Cruz, com quem, em 1568, constituiu, em Duruelo, perto de Ávila, o primeiro convento dos Carmelitas Descalços. Em 1580, recebe de Roma a ereção a Província Autónoma para seus Carmelos reformados, ponto de partida da Ordem Religiosa dos Carmelitas Descalços. Teresa termina sua vida terrena justamente enquanto se ocupando com a fundação.

Em 1582, de facto, tendo criado o Carmelo de Burgos e enquanto fazia a viagem de volta a Ávila, ela morreu, na noite de 15 de outubro, em Alba de Tormes, repetindo humildemente duas frases: “No final, morro como filha da Igreja” e “Chegou a hora, Esposo meu, de nos encontrarmos”. Uma existência consumada dentro da Espanha, mas empenhada por toda a Igreja. Beatificada pelo Papa Paulo V, em 1614, e canonizada por Gregório XV, em 1622, foi proclamada “Doutora da Igreja” pelo Servo de Deus Paulo VI, em 1970. Teresa de Jesus não tinha formação académica, mas sempre entesourou ensinamentos de teólogos, letrados e mestres espirituais. Como escritora, sempre se ateu ao que tinha experimentado pessoalmente ou visto na experiência de outros (cf. Prefácio do “Caminho de Perfeição”), ou seja, a partir da experiência. Teresa consegue tecer relações de amizade espiritual com muitos santos, especialmente com São João da Cruz. Ao mesmo tempo, é alimentada com a leitura dos Padres da Igreja, São Jerónimo, São Gregório Magno, Santo Agostinho. Entre as suas principais obras, deve ser lembrada, acima de tudo, a sua autobiografia, intitulada “Livro da Vida”, que ela chama de “Livro das Misericórdias do Senhor”. Escrito no Carmelo de Ávila, em 1565, conta o percurso biográfico e espiritual, por escrito, como diz a própria Teresa, para submeter a sua alma ao discernimento do “Mestre dos espirituais”, São João de Ávila. O objetivo é manifestar a presença e a ação de um Deus misericordioso em sua vida: Para isso, a obra muitas vezes inclui o diálogo de oração com o Senhor. É uma leitura fascinante, porque a santa não apenas narra, mas mostra reviver a profunda experiência do seu amor com Deus. Em 1566, Teresa escreveu o “Caminho da perfeição”, chamado por ela de “Admoestações e conselhos” que dava às suas religiosas. As destinatárias são as doze noviças do Carmelo de São José, em Ávila. Teresa propõe-lhes um intenso programa de vida contemplativa ao serviço da Igreja, em cuja base estão as virtudes evangélicas e a oração. Entre os trechos mais importantes, destaca-se o comentário sobre o Pai Nosso, modelo de oração. A obra mística mais famosa de Santa Teresa é o “Castelo Interior”, escrito em 1577, em plena maturidade. É uma releitura do seu próprio caminho de vida espiritual e, ao mesmo tempo, uma codificação do possível desenvolvimento da vida cristã rumo à sua plenitude, a santidade, sob a acção do Espírito Santo. Teresa refere-se à estrutura de um castelo com sete “moradas”,

como imagens da interioridade do homem, introduzindo, ao mesmo tempo, o símbolo do bicho da seda que renasce em uma borboleta, para expressar a passagem do natural ao sobrenatural. A santa inspira-se na Sagrada Escritura, especialmente no “Cântico dos Cânticos”, para o símbolo final dos “dois esposos”, que permite descrever, na sétima “morada”, o ápice da vida cristã em seus quatro aspectos: trinitário, cristológico, antropológico e eclesial. À sua atividade fundadora dos Carmelos reformados, Teresa dedica o “Livro das fundações”, escrito entre 1573 e 1582, no qual fala da vida do nascente grupo religioso. Como na autobiografia, a história é dedicada principalmente a evidenciar a ação de Deus na fundação dos novos mosteiros.

Não é fácil resumir em poucas palavras a profunda e complexa espiritualidade tere-siana. Podemos destacar alguns pontos-chave. Em primeiro lugar, Santa Teresa propõe as virtudes evangélicas como base da vida cristã e humana: em particular, o desapego dos bens ou a pobreza evangélica (e isso diz respeito a todos nós); o amor de uns aos outros como elemento essencial da vida comunitária e social; a humildade e o amor à verdade; a determinação como resultado da audácia cristã; a esperança teologal, que descreve como sede de água viva. Sem esquecer das virtudes humanas: afabilidade, veracidade, modéstia,

cortesias, alegria, cultura. Em segundo lugar, Santa Teresa propõe uma profunda sintonia com as grandes personagens bíblicas e a escuta viva da Palavra de Deus. Ela sente-se em sintonia sobretudo com a esposa do “Cântico dos Cânticos”, com o apóstolo Paulo, e também com o Cristo da Paixão e com Jesus Eucarístico.

A santa enfatiza, depois, quão essencial é a oração: rezar significa “tratar de amizade com Deus, estando muitas vezes tratando a sós com quem *sabemos que nos ama*” (Vida 8, 5). A ideia de Santa Teresa coincide com a definição que São Tomás Aquino dá da caridade teologal, como *amicitia quaedam hominis ad Deum*, uma espécie de amizade entre o homem e Deus, quem primeiro ofereceu sua amizade ao homem (*Summa Theologiae* II-II, 23, 1). A iniciativa vem de Deus. A oração é vida e se desenvolve gradualmente, em sintonia com o crescimento da vida cristã: começa com a oração vocal, passa pela interiorização, através da meditação e do recolhimento, até chegar à união de amor com Cristo e com a Santíssima Trindade. Obviamente, este não é um desenvolvimento no qual subir degraus significa abandonar o tipo de oração anterior, mas um gradual aprofundamento da relação com

Deus, que envolve toda a vida. Mais que uma pedagogia da oração, a de Teresa é uma verdadeira “mistagogia”: ela ensina o leitor das suas obras a rezar, rezando ela mesma com ele; frequentemente, de facto, interrompe o relato ou a exposição para fazer uma oração.

Outro tema caro à santa é a centralidade da humanidade de Cristo. Para Teresa, na verdade, a vida cristã é uma relação pessoal com Jesus que culmina na união com Ele pela graça, por amor e por imitação. Daí a importância que ela atribui à meditação da Paixão e à Eucaristia, como presença de Cristo na Igreja, para a vida de cada crente e como coração da liturgia. Santa Teresa vive um amor incondicional à Igreja: ela manifesta um vivo *sensus Ecclesiae* frente a episódios de divisão e conflito na Igreja do seu tempo. Reforma a Ordem Carmelita com a intenção de servir e defender melhor a “Santa Igreja Católica Romana” e está disposta a dar sua vida por ela (cf. Vida 33, 5).

Um último aspecto fundamental da doutrina de Teresa que eu gostaria de sublinhar é a perfeição, como aspiração de toda vida cristã e sua meta final. A Santa tem uma ideia muito clara da “plenitude” de Cristo, revivida pelo cristão. No final do percurso do “Castelo Interior”, na última “morada”, Teresa descreve a plenitude, realizada na inabitação da Trindade, na união com Cristo mediante o mistério da sua humanidade.

Queridos irmãos e irmãs, Santa Teresa de Jesus é uma verdadeira mestra de vida cristã para os fiéis de todos os tempos. Na nossa sociedade, muitas vezes desprovida de valores espirituais, Santa Teresa ensina-nos a ser incansáveis testemunhas de Deus, da sua presença e da sua acção; ensina-nos a sentir realmente essa sede de Deus que existe no nosso coração, esse desejo de ver a Deus, de buscá-lo, de ter uma conversa com Ele e de ser seus amigos. Esta é a amizade necessária para todos e que devemos buscar, dia após dia, novamente.

Que o exemplo desta santa, profundamente contemplativa e eficazmente laboriosa, também nos encoraje a dedicar em cada dia o tempo adequado à oração, a esta abertura a Deus, a este caminho de busca de Deus, para vê-lo, para encontrar a sua amizade e, por conseguinte, a vida verdadeira; porque muitos de nós deveríamos dizer: “Eu não vivo, não vivo realmente, porque não vivo a essência da minha vida”. Porque este tempo de oração não é um tempo perdido, é um tempo no qual se abre o caminho da vida; abre-se o caminho para aprender de Deus um amor ardente a Ele e à sua Igreja; e uma caridade concreta com os irmãos. Obrigado.



[No final da audiência, o Papa cumprimentou os peregrinos em vários idiomas. Em português, disse:]

Queridos irmãos e irmãs,

Santa Teresa de Jesus, nascida no século XVI, é um dos vértices da espiritualidade cristã de todos os tempos, e deu início, junto com São João da Cruz, à Ordem dos Carmelitas descalços. Apesar de não possuir formação académica, sempre se soube alimentar dos ensinamentos de teólogos, letrados e mestres espirituais. As suas principais obras são: “O livro da Vida”; “Caminho da perfeição”; “Castelo Interior” e “O Livro das Fundações”. Entre os elementos essenciais da sua espiritualidade, podemos destacar, em primeiro lugar, as virtudes evangélicas, base de toda a vida cristã e humana. Depois, Santa Teresa insiste na importância da oração, entendida como relação

de amizade com Aquele que se ama. A centralidade da humanidade de Cristo, outro tema que Lhe era muito caro, ensina que a vida cristã é uma relação pessoal com Jesus, a qual culmina na união com Ele pela graça, pelo amor e pela imitação. Por fim, está a perfeição, aspiração e meta de toda a vida cristã, realizada na inabitação da Santíssima Trindade, na união com Cristo através do mistério da Sua humanidade.

Dou as boas-vindas a todos os peregrinos de língua portuguesa, presentes nesta audiência! Que o exemplo e a intercessão de Santa Teresa de Jesus vos ajudem a ser, através da oração e da caridade aos irmãos, testemunhas incansáveis de Deus em uma sociedade carente de valores espirituais. Com estes votos, de bom grado, a todos abençoo.

Bento XVI

## II Encontro de Formadores

O secretariado nacional com a maior decisão e com a melhor das vontades, deu mais um passo na continuação do I Encontro de Formação. Foi nosso desejo que este Encontro estabelecesse, uma linha de actuação conjunta, transmitisse ideias e chegasse a uma avaliação daquilo que se tem feito e preparasse uma actuação futura, a partir duma perspectiva crescente e responsável, no meio dos problemas que nos rodeiam, podermos ser sinal de compromisso de fé e resposta que não aceita comodidades, pois somos chamados a orar e a actuar no mundo numa excelente missão

Assim no fim-de-semana 26 e 27 de Fevereiro decorreu em Fátima o II Encontro de Formadores OCDS com o objectivo principal: *desenvolver e fomentar laços fraternos nas realidades diversas das nossas comunidades a partir do caminho apontado por Teresa.*

Fomos recebidos com carinho fraterno pelos superiores do convento Domus Carmeli. Aqui fica o nosso muito obrigado. Contem com as nossas orações.

O Encontro teve a participação de todas as comunidades OCDS com excepção de Viana do Castelo e Terrugem. Iniciou-se com uma pequena oração/reflexão seguida da Eucaristia. No período da tarde o P. Jeremias na sua conferência “Comunidade teresiana - escola de Amor”, ajudou-nos a compreender melhor e com grande mestria o que isso é.

Dizia o nosso Assistente, P. Jeremias que Teresa de Jesus juntou-se com umas poucachinhas para orar pela unidade da Igreja, pelos pregadores, religiosos, teólogos ou letrados. A sua comunidade é uma comunidade orante e foi sobre a oração que as suas irmãs Lhe pediram insistentemente que escrevesse. Mas Teresa, antes de falar de oração, falará de três coisas que são necessárias para que haja oração: *a primeira é o amor de umas para com as outras; a segunda, o desapego das coisas criadas; e a terceira, a verdadeira humildade que, embora a diga no fim, é a principal e as abrange a todas.*



Por isso mesmo, Teresa interrompe o seu discurso acerca da comunidade orante e começa a falar da comunidade de amor. Sem isto não há oração e menos comunidade. Ela deixa uma consigna às suas irmãs: Aqui “todas hão-de ser amigas, todas se hão-de amar”. E o nosso P. Jeremias justificou esta exigência de Jesus bem como de Teresa acerca do amor com os últimos estudos vindos do campo da antropologia. Dizia ele que sem amor não temos pessoa humana. É o amor que faz e plenifica a pessoa.

Mostrou como a comunidade teresiana é o pequeno “colégio de Cristo”, onde Ele é “Mestre e Modelo”. E aquilo que Ele ensina é o amor e Ele próprio é Modelo desse amor.

Teresa alerta as suas irmãs para este amor: “Importa tanto este amor de umas para com as outras, que eu nunca quereria que dele vos esquecesteis”.

Para Teresa o mais importante, o primeiro é o amor, mas amor de verdade. Não se pode viver em comunidade sem amor: Conviver e não se amar, seria de “gente bruta”, como ela diz. Mas quem opta pelo amor deve estar consciente das dificuldades, dos “escolhos” que vai encontrar, como são as “particularidades”. Estas, como diz a nossa Santa Madre, se não se atalham logo de início corrompem o amor e matam a vida e a paz do grupo, etc, etc, etc.

Temos que caminhar para Deus e para os nossos semelhantes, mas para que isso aconteça há necessidade de “caridade fraterna, desapego e humildade” que são as virtudes necessárias para percorrer o Caminho da Perfeição

A 2ª parte do Encontro foi mais um «ponto de encontro» aonde em trabalho de grupos heterogénios fizémos o diagnóstico da actuação das nossas comunidades, a partir duma perspectiva crescente e responsável, no meio dos problemas que as rodeiam, tais como:

– Avaliação das relações entre os elementos que as formam. Se na verdade existe verdadeiro espírito de família como desejava a Santa Madre;

– Que características terão de possuir aqueles que estão à frente das comunidades;

– Que se poderá fazer para que as comunidades cresçam cada vez mais no amor? Se as comunidades “cristãs” não geram outras comunidades são “guetos” e acabam por morrer. Que se poderá fazer para que isto não aconteça com as nossas comunidades?

Agradecemos a todos a dedicação, desprendimento e disponibilidade para servir a OCDS, através deste trabalho. Que Deus derrame sobre todos os participantes, as suas famílias e comunidades as graças da paz, do amor e uma “determinada determinação” para revitalizar a Ordem Secular em Portugal, pondo em prática as decisões aqui tomadas.

*Maria Emília André*

## **Funchal – Eleições**

No dia 23 de Fevereiro deste ano teve lugar na nossa Comunidade do Funchal a eleição da nova direcção. Presentes os membros da comunidade deu-se início à reunião com a leitura do capítulo primeiro do livro *Caminho de Perfeição* da nossa Madre Teresa de Jesus. Depois de um breve silêncio o Assistente nacional da Ordem Secular, P. Jeremias fez um breve comentário ao texto escutado. Convidou-nos a ler vocacionalmente este livro. É aqui que Teresa de Jesus apresenta a nossa vocação ao Carmelo: orar pela unidade da Igreja, pelos pregadores, religiosos, teólogos ou “letrados” na linguagem dela. Chamou-nos a atenção para as três condições de que a Santa Madre fala para que a oração contemplativa seja uma realidade: o amor de uns para com os outros, o desprendimento de tudo e a humildade. Estas são as três virtudes que se hão-de cultivar nas nossas comunidades para que estas sejam orantes.

A seguir procedeu-se à eleição conforme ditam as Constituições e os Estatutos. O resultado foi o seguinte:

Presidente: Alexandrina Jesus Meneses (Nina)

Conselheiros: Maria Terexsa Castro; Maria Teresa Pereira Barros; Celina Silva de Abreu Frade

Mestra de Formação: Maria Celeste Viveiros Baptista

Secretária: Maria Alexandra P. da Costa

Tesoureiro: José Manuel Baptista

Depois da aceitação por parte dos elementos escolhidos, o P. Assistente agradeceu à direcção cessante o trabalho e dedicação à comunidade e pediu aos novos elementos uma atitude de doação e serviço à mesma para que ela possa ir crescendo cada vez mais no amor orante.

*O cronista*

## **Braga – Admissões**

Depois de um tempo suficientemente longo de contacto com a Ordem, um belo grupo de cristãos pediu para serem admitidos à Ordem Secular. Convidado pelo seu assistente P. Agostinho Castro, reunimo-nos todos no dia 12 de Março, por volta das cinco da tarde na sala de reuniões: era um grupo de 12 pessoas entre senhores e senhoras. Faltaram algumas por afazeres inadiáveis. Via-se pelo aspecto dos iniciados que o contacto com a Ordem e a sua espiritualidade já tinha deixado marca no coração das pessoas. Estava tudo muito bem disposto e com a alegria teresiana nos seus rostos. Parece que já éramos amigos de muitos anos.

Iniciámos com a recitação de Vésperas e depois da leitura breve procedeu-se ao rito da admissão como manda o Ritual.

Esperamos, e temos motivos para isso, que esta comunidade seja a primeira de outras que venham a ser fundadas nesta cidade de Braga.

*P. Jeremias Carlos*

## **Tavira – Admissões**

No dia 27 de Março reuniu-se a Comunidade com o nosso P. Assistente para a reunião mensal de formação. Desta vez não tivemos a formação habitual, uma vez que 6 pessoas pediram para serem admitidas na nossa Comunidade.

Dentro da habitual recitação de Vésperas, depois da leitura breve, o nosso P. Assistente falou-nos do Escapulário de Nossa Senhora do Carmo, uma vez que um grupo de pessoas tinha pedido a sua imposição e da razão de ser destas comunidades. Acto a seguir procedeu-se à admissão dos novos elementos conforme manda o Ritual.

*O cronista*

## **Lisboa – Aniversário**

Foi num ambiente de verdadeira alegria e sã fraternidade que celebrámos, no passado dia 17 de Março, a festa do 70º aniversário do Presidente da nossa comunidade de N. Srª do Carmo, Carlos Margaça Veiga. Começámos com a Eucaristia concelebrada pelos senhores Padres Jeremias Vechina e Armindo Vaz seguida de um jantar, tão animado que se prolongou até tarde. Mas quando é festa, é festa....

*Né*



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços \* Fotocomposição: Delfim Machado \* Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina \* Sede: Domus Carmeli – Rua do Imaculado Coração de Maria, 17 – 2495-441 Fátima Tel. 249 530 650 E-mail: jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt